

T PROJETO Resistência/Criação. Dez perguntas sobre Resistência/Criação. 2002 (10 p.) [artigo]

Projeto

Resistência/Criação

Oficina Aberta

Catherine David, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart, Denise B. de Sant'Anna, Laymert Garcia dos Santos, Kazuo Nakano, Ligia Nobre e Cécile Zoonens

Interlocutores convidados: Yann Moulier-Boutang, Michael Hardt, Franco Barchiesi, Franco Berardi, Luca Casarini, Giuseppe Cocco, Maurizio Lazzarato, Beppe Caccia e Guido Lutraio

Cais do Porto. Armazém A-7

Sessão I : 16:00-19:00

Sessão II: 20:00-23:00

II Forum Social Mundial

Porto Alegre, 1º de fevereiro de 2002

2

Dez perguntas sobre Resistência/Criação

As relações entre política e cultura foram inteiramente redesenhadas a partir das transformações do pós-fordismo. A dimensão cultural ganhou uma centralidade inédita no quadro de um capitalismo dito "cultural" ou "pós-moderno", a inteligência passou a ser prioritária no interior de um capitalismo dito "cognitivo", a subjetividade aparece cada vez mais no cerne de uma economia dita "imaterial", a própria 'vida' está no núcleo de uma era dita "biopolítica".

Em contrapartida, as atividades tradicionalmente associadas ao exercício da cultura foram esvaziadas de sua função de problematização e produção de sentido, para tornar-se alvo de instrumentalização maciça visando interesses estritamente mercadológicos, com investimentos de capital cada vez mais importantes.

Nesse contexto, a relação entre política, cultura, subjetividade e vida deve ser repensada da maneira mais 'concreta' possível, isto é, no interior da revolução tecnológica e produtiva das últimas décadas, com os efeitos sociais e afetivos correspondentes, e segundo as linhas de força que essa reconfiguração libera.

Resistência/Criação é um projeto de pesquisa e intervenção cultural que tem por objetivo refletir sobre estas transformações de fundo, sobretudo em suas implicações nas práticas estéticas, mapear sua lógica e impacto, bem como as novas urgências que aí se impõem. Detectar os focos de resistência sintônicos com tais urgências, colocar em rede sua sinergia, intensificando sua potência poético-política - estratégias de política cultural para os tempos presentes, especialmente no contexto brasileiro.

A iniciativa da Oficina Aberta tem uma dupla intenção: por um lado, consolidar o eixo teórico-pragmático do Projeto Resistência/Criação; por outro, amadurecer ferramentas de mapeamento e prospecção em cidades globalizadas inteligentes, como é o caso de São Paulo, cenário de atuação inicial do projeto.

Considerando o trajeto e a produção de nossos convidados, e com o propósito de provocá-los e incitar as interfaces com o teor de nosso projeto, delimitamos para esta Oficina um campo de questões com quatro eixos principais:

- a) Em que medida, e nos vários recortes que cada convidado possa ter, segundo seu campo de pesquisa ou atuação, a resistência e a criação aparecem como coextensivos - e como elas se reinventam mutuamente.
- b) Em que medida, e também segundo os vários níveis de abordagem propostos, a política tal como ela se redefine hoje implica imediatamente uma dimensão cultural, e a cultura, uma dimensão política - e como elas se remodelam mutuamente.
- c) Em que medida, nesse contexto, o hiato entre crítica social e crítica artista poderia ser desfeito, sem implicar numa subordinação da arte à política ou vice-versa.
- d) Em que medida a criação como potência de singularização, individual e coletiva, constitui a cultura, as artes e a política.

(cultura como política)

Segue abaixo um roteiro de questões para preparar e orientar o debate. São apenas considerações gerais que refletem o estado atual do processo de elaboração realizado até aqui pelo projeto, tendo em vista as interfaces com a produção de nossos interlocutores. A intenção é aproveitar a Oficina para ampliar e complexificar o espectro das questões pertinentes para o projeto, porém igualmente dar eco à valiosa abordagem dos temas tratados pelo Forum Social Mundial introduzida pela produção de nossos convidados.

Algumas das questões foram elaboradas num diálogo mais específico com um ou outro dos interlocutores presentes; no entanto visto que se trata de um campo compartilhado, desnecessário dizer que estão todos convidados a circular livremente pelo conjunto das indagações propostas para o debate.

1. Força-Invenção

Os convidados, na sua maioria, fizeram uma análise inovadora do pós-fordismo. Que novas feições assumiu a produção das últimas décadas, que novas forças foram liberadas com o esvaziamento das antigas categorias de proletariado, de classe, de esquerda, que novos mecanismos de poder foram acionados a partir daí, que novas modalidades de contrapoder o contexto foi suscitando. Um dos temas recorrentes nessas análises é a predominância do trabalho ditó imaterial. Um trabalho que solicita do trabalhador não seus músculos nem sua força física, mas sua inteligência, sua força mental, sua imaginação, sua criatividade – tudo isso que antes era do domínio privado, do sonho, das artes, foi posto a trabalhar no circuito econômico. Com isto, o capitalismo passou a mobilizar a subjetividade numa escala nunca vista. A força de invenção se tornou a principal fonte de valor, independente até do capital ou da relação assalariada. Pode-se dizer que a força-invenção está disseminada por toda parte, e não mais circunscrita aos espaços de produção consagrados enquanto tais. A centralidade da invenção no domínio da produção, no entanto, contrasta com a tendência hegemônica de uma serialização no domínio das formas de socialização, de entretenimento, de circulação cultural e de informação. Como pensar esse hiato, como reconectar esses níveis?

2. Transversalidade

! → [Não se produz só na fábrica, não se cria só na arte, não se resiste só na política.] Assistimos ao fim dos suportes em vários domínios, mas também das esferas em que eles ganhavam sentido. As artes plásticas extrapolaram seus suportes tradicionais tais como a pintura e a escultura (mas também desbordaram o espaço do museu e do próprio circuito tradicional da arte), a política extrapolou o suporte tradicional do partido, do sindicato, do próprio parlamento (em suma, do espaço da representação), a produção extrapolou os limites da fábrica, e mesmo da

empresa, migrando para uma esfera coextensiva à vitalidade social, a subjetividade extrapolou seu suporte egóico e identitário.

Assim, a arte extrapola a arte, a política extrapola a política, a produção extrapola a produção, a subjetividade extrapola a subjetividade. Seria preciso pensar conjuntamente esses processos e a hibridação dessas esferas nas condições de hoje, tanto nos seus efeitos liberadores, como constrangedores. Em que medida criação econômica, criação social (isto é, invenção de novas formas de associação e de sociabilidade), criação cultural (isto é, invenção de sentido, linguagens, valores, etc), criação subjetiva (isto é, individuação em processo) se conjugam e são vampirizados por dispositivos de expropriação e comando ou, ao contrário, instauram processos positivos e singularizantes que funcionam como resistência num contexto de homogeneização.

3. Multidão

Vários dos convidados trabalham com a noção de Multidão, pensada enquanto multiplicidade heterogênea, não-unitária, não-hierárquica, acentrada e centrífuga, portadora dessa riqueza, de intelecto geral, afetividade, vitalidade a-orgância, etc. A multidão como figura subjetiva não identitária, que não pode delegar poderes nem pretende conquistar o antigo poder, mas desenvolver uma nova potência de vida, de organização, de produção. O Forum Social Mundial talvez possa ser visto como uma vitrine de miríades de associações que pertencem à multidão, com direções múltiplas, inteligências e sensibilidades heterogêneas, que inventam não só modos próprios de produzir, de trocar, de habitar, de construir, mas também de relacionar-se, de afetar-se, de subjetivar-se, de protestar. Seriam Seattle, Gênova, Buenos Aires, Porto Alegre, diferentes irrupções dessa nova subjetividade não dependente de filiação ou pertinência? Estariam estas manifestações obedecendo a uma nova geometria da vizinhança ou do atrito? Em que se diferenciariam entre si? Como fazer o desenho da multidão, essa figura política/não política, essa subjetividade cujo contorno é tão visível e invisível ao mesmo tempo, palpável e impalpável, como fazer dela um componente cartográfico para nossas prospecções sobre os movimentos de resistência e criação que ela abriga, não apenas nos momentos de visibilidade espetacularizada como nos casos citados?

4. Êxodo

Alguns dos convidados têm trabalhado a idéia do êxodo do Estado como uma modalidade de resistência criativa, isto é, como uma linha de fuga e ao mesmo tempo um ato de imaginação coletiva. A deserção de certos circuitos consagrados (estatais, políticos, midiáticos etc) e a invenção de outras cenas. Luca Casarini tem falado recentemente em algo mais radical do que a mera desobediência civil, desobediência social. Como entender isso, concretamente? E em que medida isso pode dar ensejo a processos constituintes? Nessa direção, alguns dos convidados têm falado em secessão ativa, lembrando que para ativar a potência produtiva da inteligência social é preciso modificar o tom, o humor, o psiquismo. Valeria essa 'política' igualmente para o domínio da cultura? Que tipos de êxodo cultural, defecção artística, desobediência afetiva são pensáveis hoje? Se levamos em conta as novas modalidades de produção de sentido, sua disseminação, sua captura e seu esvaziamento, como pensar uma desobediência cultural e subjetiva? Como os Tute Bianchi por exemplo lidam com esses avatares da produção de sentido hoje? Como tornam inoperante o comando de sentido? Que estratégias eles inventam para fugir às armadilhas midiáticas e militares? Que dimensão 'performática' suas manifestações têm tomado, que tipo de 'presença' eles propõem, que poética política eles estão inventando? Que modo de subjetivação eles introduziram nas suas aparições, que humor eles provocam, com seu auto-sarcasmo, que devires eles suscitam? Que povo por vir eles anunciam, no seio da Multidão?

5. Violência

Alguém falou recentemente no dever-feminino presente nessa maneira dos Tute Bianchi de recusar-revelar a violência... O que daria à sua estratégia esse poder de fazer face à violência? Seria pelo fato de se tratar de uma forma de agressividade, mas que se diferencia da violência? Enquanto esta se volta contra a vida, a estratégia dos Tute Bianchi afirma a vida como potência de criação e, por isso, teria o poder de recusar-revelar a violência como um tipo perverso de política da agressividade? Que outras estratégias de exercício da agressividade teriam esse poder de driblar a violência? De desconfundir agressividade e violência, e revelar a segunda como uma política específica da primeira? De libertar a agressividade de sua diabolização, contrapartida de um ideal de pacifismo, espécie de alucinação defensiva que denega o caráter de luta próprio da vida e, com isso, se desresponsabiliza?

O quanto estaria se desfazendo a figura da vítima, vício secular da esquerda que se caracteriza por projetar o exercício da agressividade no outro e, com isso, justificar sem culpa a violência implícita de seu melancólico ressentimento e/ou a violência explícita de seu paranóico terrorismo? Ressentimento e terrorismo: políticas da agressividade que respondem em espelho àquilo mesmo que pretendem combater, a lógica da violência e seus principais protagonistas, o par vítima/carrasco, que elas alimentam voluptuosamente.

Lembrando que a vítima é uma inconveniente presença também nas práticas culturais, especialmente as de cunho mais explicitamente político, estaria ela evanescendo igualmente nesta cena? Como a criação artística em sua interface com a resistência pode escapar ao erotismo da vítima e, mais do que isso, participar ativamente do desinvestimento desse personagem nefasto?

6. Biopoder e Biopolítica

A defesa da vida tornou-se um lugar comum. Todos a invocam, desde os que se ocupam de manipulação genética até os que empreendem guerras planetárias. Com Foucault, a biopolítica designava a entrada do corpo e da vida nos cálculos explícitos do poder – poder sobre a vida. Com a inversão proposta por alguns dos convidados, inspirados parcialmente em Deleuze, biopolítica deixa de ser prioritariamente a perspectiva do poder e de sua racionalidade, tendo por objeto passivo o corpo da população, e suas condições de reprodução. A própria noção de vida deixa de ser definida apenas a partir dos processos biológicos que afetam a população, e passa a significar uma virtualidade molecular da multidão, energia a-orgânica, desejo, poder de afetar e ser afetado. Ou seja, inclui a sinergia coletiva, a cooperação social e subjetiva no contexto de produção material e imaterial contemporânea, o intelecto geral. A partir daí, biopolítica não significa mais poder sobre a vida, mas antes a (potência da vida). Passa de um sentido negativo para um sentido positivo, de uma dimensão de disciplina, controle ou vampirização para uma dimensão intensiva, ontológica e constitutiva. Ao poder sobre a vida contrapõe-se a potência da vida, mas essa tensão é irresoluta e os múltiplos pontos de fricção ou de estrangulamento, de irrupção ou de sufocamento, demandam uma cartografia complexa. De todo modo, a vida ela mesma tornou-se um campo de batalha (ponto de incidência do biopoder, em toda sua amplitude biotecnológica ou militar, ou diferentemente, âncora da resistência, potência de variação das formas de vida etc). Como atualizar essa virtualidade biopolítica da multidão? Quais estratégias liberam a vitalidade seqüestrada? Seria esta a dimensão ético-estética que atravessa todos os campos da existência?

7. Guerra

Uma das primeiras reações aos atentados de 11 de setembro foi: “parece um filme de ficção científica!” Um de nossos convidados escreveu, poucos dias depois, que “os filmes de ficção científica estão destinados a se realizarem. Todos. Em algum momento ou outro, num planeta ou noutra. O imaginário não é a irrealidade, mas a câmara de produção da realidade por vir. Todo imaginário está destinado a criar o seu mundo. Cuidar [tratar] do imaginário não é portanto um dever separado da política, uma atividade pouco concreta. É o foco da ação contemporânea”.

Assistimos a uma militarização do psiquismo planetário. Mesmo em São Paulo, uma das primeiras reações ao seqüestro do prefeito de Santo André, do PT, foi: estamos numa guerra! A atmosfera de paranóia crescente acaba criminalizando e despolitizando a contestação, demonizando os protestos, a

dissenção, os devires minoritários, as mestiçagens suspeitas. O resultado é a satanização do outro. Mais e mais a guerra aparece como característica estrutural do Império. Nesse contexto, como pensar o desafio lançado acima a respeito de cuidar [tratar] do imaginário? Alguns afirmam que o atentado, mas talvez também a reação a ele, obedecem a coordenadas ideológicas ou fantasmáticas disseminadas, que determinam sua percepção (Zizek). O que escapa dessa determinação? Como infletir a direção dessa câmara de produção da realidade por vir? Que estratégias culturais poderiam intervir na direção dessa inflexão? Como contornar o risco de ver esse 'imaginário' seqüestrado por ícones militares (promovidos pelo terrorismo de bando ou de Estado), que acabam suplantando ou sobredeterminando a potência de imaginação coletiva já em operação, como quando se lê Seattle à luz de New York? Em outras palavras, como evitar que os afetos de revolta sejam seqüestrados por estes ícones militares, aparelhos de captura e de terror de toda ordem? Como perguntava uma editorialista, como evitar que a guerra torne obsoleta a luta, saturando seu espaço? Como evitar que a guerra reterritorialize os fluxos que o próprio capitalismo liberou?

8. Semiotização Capitalística

Alguns dos convidados, inspirados em Guattari, insistem na dimensão semiótica do capitalismo. Na velocidade da digitalização generalizada, a economia ressemiotiza todos os âmbitos da vida, colonizando vastas esferas da cultura, a inteligência, a atenção, a emoção, o tempo, o espaço, o próprio corpo. Outros insistem na predominância da linguagem e dos símbolos na economia atual, fazendo da comunicação o núcleo do processo produtivo. Em todo caso, nesse contexto 'pós-moderno', a comunicação aparece como um instrumento fundamental do controle imperial (depois da bomba e do dinheiro). A comunicação, inteiramente desterritorializada, recobre o globo e valida a subsunção real da sociedade ao capital. Assim, a cultura tende cada vez mais a submeter-se à lógica da sociedade do espetáculo. Entretanto, apesar dessa narrativa 'totalitária', que supõe um controle crescente e maciço do imaginário, da percepção, da subjetividade numa sociedade dita de controle, que prescinde de mediações e opera diretamente, maquinicamente, no cérebro e nos nervos, reencontramos, mesmo nessas descrições de saturação, um meio de pluralidade e de acontecimento. Como diz Guattari, ao mesmo tempo em que estamos "presos numa ratoeira", somos destinados às mais insólitas e exaltantes aventuras. Em que medida, nesse contexto, poderíamos pensar certas práticas (estéticas, urbanas, sociais, políticas) como 'acontecimentos' que reinauguram processos subjetivos e sensíveis? Se tomamos por exemplo a idéia de Tarde sobre a capacidade da arte, fundamental para as sociedades contemporâneas, de socializar as próprias sensações, fazendo comunicar num comum sensível a diferença dos indivíduos, não estaríamos na contracorrente da narrativa por demais unilateral da sociedade de espetáculo, ou mesmo da sociedade de controle, reabrindo o campo para outras cartografias?

9. Cidades globalizadas

Os processos de urbanização contemporâneos estão em estreita associação com as mudanças econômicas afetadas pelas novas configurações das relações de produção, distribuição e consumo de espaços e mercadorias materiais e imateriais. A dinâmica presente nesses processos e inter-relações faz com que as cidades, principalmente aquelas posicionadas mais estrategicamente na geografia dos fluxos desterritorializados internacionais, encontrem-se tensionadas entre permanências e transformações, entre os legados de processos anteriores e o impacto de novos tipos de investimentos. O efeito nessas cidades em países considerados "em desenvolvimento" é que os acessos físicos e sociais à cidade or parte dos vários grupos que usam e usufruem dos benefícios urbanos sofrem com interdições e obstruções, acirrando a desigualdade na distribuição social do capital territorial da cidade. Nesse contexto, um certo sentido de cultura é seqüestrado por proposições urbanas que buscam construir uma imagem qualificada e dinâmica da cidade a serviço de um "marketing" urbano voltado para a atração de investimentos de todas as ordens, em interação com as demandas de uma classe de consumo que procura seguir padrões internacionais. A cultura é posta como uma estratégia espetacular da política urbana. Simultaneamente, em meio a processos de exclusão social e segregação sócio-territorial, inúmeras potências e singularizações são colocadas em operações na vida metropolitana, construindo outros sentidos, materializando outras territorializações e atualizando outras virtualidades, em boa parte insuspeitadas. São máquinas sócio-territoriais que disparam processos de subjetivação coletivos criando dispositivos operações capazes de fazer frente aos impactos dos processos atuais como reação às forças desagregadoras em curso.

Alguns dos convidados tentaram repensar a cidade pós-industrial, com o predomínio das atividades imateriais, com a relevância do extra-econômico, dos fluxos desterritorializados, dos novos espaços de territorialização existencial na cidade, com as redes de socialização que qualificam uma nova urbanidade. Como problematizar as ditas "cidades globalizadas inteligentes" a partir dos processos de desterritorialização e territorialização do capital? Quais são as novas relações de poder e contra-poder que passam a operar nessas cidades? Quais os dispositivos de controle e resistência/criação que são ativados nessas operações de poder e contra-poder? Como pensar essa multiplicidade de urbanidades metropolitanas em suas diferentes densidades, fricções, tensões, conflitos, disputas e dissimetrias? Como se informar sobre essas potências insuspeitadas atuantes na realidade desigual, segmentada e fragmentada da metrópole? Como investigar as máquinas sócio-territoriais disparadoras de bio-potências e de enfrentamento aos processos de exclusão? Como dar a ver esses novos vetores que uma abordagem exclusivamente econômica ou sociológica, ou apenas urbanística ou antropológica, não conseguiria apreender?

10. Resistência

Se na modernidade a resistência obedecia a uma matriz dialética, de oposição direta das forças em jogo, com a disputa pelo poder concebido como centro de comando, com as subjetivações identitárias dos protagonistas definidas pela sua exterioridade recíproca e complementariedade dialética, o contexto pós-moderno suscita posicionamentos mais oblíquos, diagonais, híbridos, flutuantes. Criam-se outros traçados de conflitualidade. Talvez com isso a função da própria negatividade, na política e na cultura, precise ser revista. Certas dinâmicas urbanas (nomadismos sociais, novos corpos pós-humanos, redes sociais de autovalorização, devires minoritários, êxodo e evacuação de lugares de poder) exemplificam essa mutação na lógica da resistência, indo além das figuras clássicas da recusa. Mas como funcionam tais dinâmicas no contexto das novas segmentações, sobretudo num país como o Brasil, com sua herança histórica, em que regimes diversos de exclusão e segmentação se sobrepõem? O que é contrapoder, nesse contexto sem exterioridade, e na lógica imanente do poder atual? E à luz disso, como redefinir a resistência hoje?

Associação Resistência/Criação

Catherine David, Suely Rolnik, Peter Pál Pelbart,
Denise B. de Sant'Anna, Laymert G. dos Santos,
Kazuo Nakano, Ligia Nobre, Cécile Zoonens

Apoios: Consulado Geral da França (SP), LABTeC/EPPG/UFRJ, Mestrado em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Escola de Saúde Pública do RS, FINEP, CNPq

Produção em Porto Alegre: Selda Engelman

Agradecimentos: Grupo de Pesquisa Modos de Trabalhar, Modos de Subjetivar - Coordenadora: Profa. Tania Mara Galli Fonseca (PPGPSI/UFRGS), Paulo de Tarso Carneiro, Alessandro Zir, Patrícia Gomes Kirst, Mateus Berger Kauschick, Alziro Pereira dos Santos, Ricardo Burg Ceccim, Carmen Oliveira, Simone Paulon.